

A ESCOLARIZAÇÃO PRIMÁRIA DOS IMORTAIS DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS EM SUAS DIVERSIDADES CULTURAIS

Marta Maria de Araújo
Profª de História da Educação - UFRN

A 14 novembro de 1936, Luís da Câmara Cascudo, Henrique Castriciano, Edgar Barbosa, Adherbal de França, Clementino Câmara, José Augusto Bezerra de Medeiros, Juvenal Lamartine de Faria, Floriano Cavalcanti, e outros de igual projeção intelectual no Estado, promoviam a sessão de fundação Academia Norte-Riograndense de Letras (ANRL). Sem uma sede própria, a ANRL funcionou, inicialmente, na casa de Câmara Cascudo, no Instituto de Música do Rio Grande do Norte e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Em janeiro de 1976, graças ao empenho do presidente, Manoel Rodrigues de Melo, alojou-se em seu próprio edifício. “Buscando a luz” ou “Em direção à luz” – *AD Lucem Versus* – é o seu lema, idealizado pelo acadêmico Cônego Luiz Gonzaga do Monte.

No ano de 1951, após 15 anos da fundação da ANRL, era posto em circulação o primeiro número de seu órgão de publicidade, a Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, dirigida por Nestor dos Santos Lima, tendo como colaboradores Carolina Wanderley, Aderbal França e Américo de Oliveira.

A principal intenção do estudo desse periódico é compreender padrões culturais que permearam a escolarização primária dos sócios efetivos da Academia Norte-Riograndense de Letras, sabendo de antemão que grande parte dos “imortais” dessa agremiação nasceram entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. E subliminarmente trazer a reflexão desses padrões culturais como correspondendo a aspectos estruturantes da formação cultural do povo e da sociedade brasileira.

Os padrões culturais da escolarização primária foram colhidos da leitura cuidadosa que fizemos dos discursos de recepção aos acadêmicos empossados na

ANRL. Como discurso escrito para ser lido numa solenidade oficial privada, trata-se de textos laudatórios e até certo ponto memorialísticos. O *corpus* documental da pesquisa compreendeu as 32 Revistas da ANRL publicadas entre 1951 (edição do primeiro número) e 2001 (ano do último número editado). Para António Nóvoa, a imprensa periódica talvez seja um dos melhores meios para se compreender

[...] as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc.), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização de crianças e jovens (NÓVOA, 1997, p. 13).¹

Embora a escolarização primária recebida por homens e mulheres, que nasceram entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, muito pouco tem em comum com a educação escolar contemporânea, não obstante, já estava assentada na transmissão de saberes elementares culturais e de valores comumente úteis à vida social. A respeito da correlação entre alfabetização e saberes culturais úteis, Justino Magalhães (1996a, p, 44) acentuará: “Não há alfabetização em abstrato e fora do contexto. [...] Se não há alfabetização no vazio, então porque razão se alfabetizar as pessoas?²” Daí, desde sempre, o carácter funcional da alfabetização.

Um aspecto elucidativo da escolarização primária são os saberes elementares ensinados ou transmitidos. Entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a criança iniciava-se na aprendizagem dos saberes elementares por volta de 6 a 10 anos de idade, permanecendo de dois a quatro anos na “escola.” Os vínculos entre escolarização, progresso da nação e disciplina de vida como condição de urbanidade faziam com que a aprendizagem dos saberes elementares estivesse diretamente relacionada com o desenvolvimento das estruturas mentais e o aperfeiçoamento da natureza humana (absorção de boas maneiras, de hábitos sadios e de regras morais religiosas e laicas) em contraponto com a chamada ignorância.

Um conto dedicado ao acadêmico Manoel Rodrigues de Melo, nascido em 7 de julho de 1912, na Fazenda Queimada (onde iniciou a escolarização primária), município de Macau, é deveras esclarecedor dos saberes elementares então ensinados. Assim,

entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a aprendizagem dos saberes elementares iniciava-se pela “leitura” da Carta de ABC, da autoria de Laudelino Rocha.

A carta de ABC que ele possuía, agora, era bem novinha... A primeira em poucos dias fora consumida. E esta não seria, talvez, a última. Raramente um menino ou menina chegava àquela parte do ‘Paulinho mastigou pimenta,’ sem o esfacelamento de duas cartas de ABC., livrinho de autoria do professor Laudelino Rocha, frágil mas precioso, belo até, com aquela capinha sugestiva, enfeitada de listas vermelhas, branca e azul, lembrando a bandeira francesa (SIQUEIRA, 1982, p. 113).³

A aprendizagem simultânea do saberes elementares do ler, do escrever e do contar se efetivaria pela memorização ou “aprender de cor.” Sendo assim, cabia ao menino Manoel Rodrigues “[...] levar para a professora mais ou menos de cor, a liçãozinha do dia” (SIQUEIRA, 1982, p. 113).⁴

No entanto, para aqueles nascidos no meio urbano, o grupo escolar tornou-se uma das primeiras instituições de aprendizagem dos saberes elementares, NÃO MAIS calcada na Carta de ABC, e SIM na Cartilha — especialmente na Nova Cartilha. Sobre a Nova Cartilha, o acadêmico Gumercindo Saraiva, nascido no ano de 1915, diz-nos: Os estudos do nosso tempo, com a leitura da **Nova Cartilha**, iniciada nos **grupos** por onde passamos e terminada na escola particular, [...] estariam sistematicamente concluídos (SARAIVA, 1987, p. 110, grifo nosso)⁵.

Todavia, sem uma uniformidade institucional, a aprendizagem dos saberes elementares acontecia na instituição privada, na “escola rural,” na “escola operária,” com um professor ou professora particular, ou ainda o pai ou a mãe podiam desempenhar a tarefa de alfabetizadores. Ocorre que a própria dinâmica da escolarização primária estava perpassada por algumas heterogeneidades no próprio meio urbano. A esse respeito, é revelador o depoimento do acadêmico Nilson Patriota, que aprendeu com o pai as “primeiras letras” e o gosto pela literatura.

Com meu pai aprendi as primeiras letras e a taboada. Em seguida, um pouco de história e geografia. Quando já estava me sentindo capaz de ler com desembaraço e escrever sem dificuldade, os literatos, de um modo geral, e os poetas, em particular, entraram em minha vida. Eles, no

entanto, jamais me tinham sido estranhos, já que meu pai os lia e cantava versos ao violão [...] (DISCURSO DE POSSE DE NILSON PATRIOTA, 1983, p. 57).⁶

Nessas formas educativas de aprendizagem dos saberes elementares, há variantes, especificidades e alterações. Contudo há também repetições. Em larga medida, o estado então vigente do progresso da humanidade já não mais admitia que os pais deixassem de iniciar os filhos na aprendizagem dos saberes elementares do ler, escrever e contar e de valores morais e sociais da época. Aprendizagem dos saberes elementares, sim, mas para quê?

Confiada a professores, “[...] fator suficiente para que os alunos se considerassem em aula” (MAGALHÃES, 1996b, p. 19)⁷, a aprendizagem simultânea dos saberes elementares envolvia a leitura (trabalhando o ouvir e o falar bem), a escrita (desenvolvida concomitante com a coordenação motora), os cálculos simples (fortificando o raciocínio e instigando a memória) e, em alguns casos, a reza (Padre Nosso, Ave Maria, Credo e Salve Rainha), bem como a aquisição de hábitos higiênicos e valores morais.

Todavia, observou-se uma diversidade de padrões da escolarização primária recebida pelos sócios efetivos da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Para articular uma unidade na diversidade buscou-se conjugar os padrões da escolarização primária dos acadêmicos ANRL com o período da escolarização primária destes.

Ancoradas nos mínimos registros acerca da escolarização primária de imortais que nasceram entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, podem-se dizer que há pelos menos cinco ou seis modalidades que delineiam os padrões da escolarização primária e por extensão do ensino e da aprendizagem dos saberes elementares. Genericamente, situam-se em dois momentos entrecruzados e perpassados pela conservação e pela renovação educacional. O primeiro momento encontra-se entre 1873 (data mais antiga de nascimento de um dos sócios da ANRL) e 1907 (quando da decretação da primeira reforma da educação escolar no século XX). O

segundo momento localiza-se entre 1908 (data de criação dos primeiros grupos escolares no Estado) e 1951 (ano de nascimento dos sócios mais novos da ANRL).

Assim, no intervalo de tempo entre 1873 e 1907, a escolarização primária dos sócios da ANRL foi predominantemente tributária da família, do professor particular ou mestre-escola, da escola privada, da escola operária e do colégio católico ou protestante. Só para se ter uma idéia, procedemos uma descrição por grupos de estudantes e modalidades escolares.

Nesses anos de 1873 a 1907, os padrões da escolarização primária, incluindo o ensino e a aprendizagem dos saberes elementares, destacavam-se pela presença do heterogêneo ao lado das insuficientes escolas públicas. Adentrando no segundo momento, com a disseminação de uma rede mais ou menos uniforme de grupos escolares, durante o segundo governo de Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão (1908-1913), e devido à propaganda republicana em favor da escola pública, esta começou a ganhar um número expressivo de adeptos, nomeadamente no interior da classe média.

Educar a sociedade e moldar uma unidade nacional, eis a grande tarefa de segmentos de elites republicanas. A elas coube defender a escola primária pública como condição política para efetivação de um projeto de nação próspera e enraizamento do povo nos valores cívicos nacionais. A escola primária pública passou a ser difundida como agência de socialização de saberes culturais úteis, aprimoramento dos talentos individuais e de comportamentos coletivos.

Na superfície dessas inquietações intelectuais e políticas, fecundavam os debates nacionais em torno da educação escolar como importante fator de reordenamento do social e como veículo promotor de ascensão social de cada indivíduo. O *intermezzo* relativamente pacífico dos anos de 1908 aos anos de 1951, fez com que pouco a pouco, os pais começassem a renunciar à responsabilidade dos ensinamentos dos saberes elementares. Nesse momento, padrões de renovação da escolarização primária convivem com a constância de padrões antigos.

A diversidade de padrões da escolarização primária e de ensino e aprendizagem dos saberes elementares sobressaem-se, as especificidades do trabalho docente: ensino individual, ensino coletivo, “escola doméstica,” classe multiseriada e classe graduada. A tarefa pedagógica do professor (incluindo pais e parentes) consistia em fazer com que o aluno aprendesse os saberes elementares transmitidos e normas de condutas indispensáveis à vida cotidiana.

Especificamente o ensino e a aprendizagem dos saberes elementares vivenciados pelos imortais da ANRL incluía a “arte” de memorizar como uma atividade cognitiva imprescindível para a aquisição do saber ler e falar bem, saber de cor as quatro operações fundamentais e introjeção de boas maneiras. Ora, desde a instalação de uma rede de grupos escolares no Rio Grande do Norte, o oral e o escrito já conviviam em desequilíbrio, em face da supremacia da cultura da escrita como linguagem privilegiada e da inteligência como faculdade nobre em vez da memória.

Entretanto, a longa permanência da faculdade de memorizar como a proeminente válvula de aprendizagem dos saberes elementares, pode, sim, haver facilitado o desenvolvimento da imaginação como componente estrutural necessário para escrever a poesia, o ensaio, o conto ou “rememorar” sentimentos e vivências da infância que cada imortal traz consigo. “É que as histórias além de estimular a imaginação das crianças para a criatividade, também as instruía, pondo-as em contato com a realidade literária que, a falta de livros, então extremamente escassos” (PATRIOTA, 1998, p. 128)⁸.

Sem dúvida, parece haver uma cumplicidade prazerosa entre os imortais da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e o ato educativo de “saber de cor as lições” em face da experiência do “aprender de cor” na vida escolar primária, que etimologicamente significa “aprender com o coração.” Lembra Neves (2000, p. 11) que “aprender de cor” ou “aprender com o coração” remete simultaneamente à inteligência, à sensibilidade e ao esforço “[...] e — por que não? — disciplina, e é também arte e supõe portanto ousadia e criação [...]”⁹

Educados os imortais da ANRL pela memória, pelo esforço, pela disciplina e, talvez, pela ousadia da criação, bem como pelo inevitável entrecruzamento da cultura oral com a cultura escrita qualificaram-se, portanto, para o *métier* da criação de gêneros literários como o romance, conto, a poesia, a novela, a crônica, muitas vezes eivados de subjetividade.

Quando pausadamente examinamos os discursos de recepção aos novos acadêmicos, verificamos que quase todos eles estudaram o secundário no Atheneu Norte-Riograndense e fizeram curso superior de Direito, Jornalismo, Música, Filosofia, Farmácia, Odontologia, Medicina, dentre outros. A um só tempo, representam uma vertente de intelectuais que são ao mesmo tempo artistas plásticos, escritores, dramaturgos, museólogos, poetas, trovadores, filólogos, bibliófilos, ensaístas, críticos de artes, historiadores, sociólogos, filósofos, e, ainda, autodidatas. Inquestionavelmente, reconhece-se a educação escolar como o principal móvel para a ascensão social e intelectual dos indivíduos.

O que faz um intelectual, um imortal? Pelas palavras de Nilson Patriota (1983, p. 69): “Nós tínhamos, todos nós, um amanhã – um amanhã que já chegou.”¹⁰ Chegar à “Casa dos Imortais Potiguaras,” tem que “trazer a prova da palavra escrita” (SEREJO, 2001, p.108).¹¹ Provar que são afeiçoados da literatura, da poesia, das lendas, da história, enfim, guardiões do patrimônio literário, artístico e intelectual acumulado pela humanidade. Tudo isso, dentro de um horizonte em que a iniciação na escolarização primária iluminou e propiciou a materialização diversa e rica da formação cultural do povo e da sociedade brasileira.

NOTAS

¹ NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Educação em revista** – A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

² MAGALHÃES, Justino. Linhas de investigação em história da alfabetização em Portugal: um domínio do conhecimento em renovação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.2, p. 42-60, maio./jun./jul. 1996a

³ SIQUEIRA, Minervino W. de. O varseano do Açú. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, v. 29, n. 17, p. 113-115, jan./nov. 1982.

⁴ _____. O varseano do Açú. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, v. 29, n. 17, p. 113-115, jan./nov. 1982.

⁵ SARAIVA, Gumercindo. Discurso de posse na Academia Norte-Riograndense de Letras do Acadêmico Gumercindo Saraiva. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, v. 26, n. 14, p. 105-132, nov. 1978.

⁶ DISCURSO DE POSSE DE NILSON PATRIOTA. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, v. 30, n. 18, p. 51-69, jan./dez. 1983.

⁷ MAGALHÃES, Justino. Um contributo para a história do processo de escolarização da sociedade portuguesa na transição do antigo regime. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto Alegre, n. 5, p. 7-34, 1996b.

⁸ PATRIOTA, Nilson. Relembrações. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**. Natal, v. 39, n. 27, p. 128-134, jul. 1998.

⁹ NEVES, Margarida de Souza. A educação pela memória. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 9-15, jan./jun. 2000.

¹⁰ PATRIOTA, Nilson. Relembrações. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**. Natal, v. 39, n. 27, p. 128-134, jul. 1998

¹¹ DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO VICENTE SEREJO. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, v. 43, n.31, p. 107-124, jan./jul. 2001.